

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

DO MANGUEBIT AO TOSCOLAB

AUTOFIÇÕES MIDIÁTICAS, OUTROS MODOS DE APRENDER¹

LILIANE LEROUX

Doutora em Educação, professora (Prodoc-Capes) do mestrado em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas – FEBF/UERJ.

Resumo: O que pode estar em jogo na tentativa de juntar a cena artística recifense dos anos 90 com uma experiência atualíssima de fabricação de instrumentos musicais digitais? Que relação pode ser buscada entre um gênero literário menor – a autoficção – e o ato de aprender, tão valorizado em uma sociedade hiperescolarizada como a nossa? A resposta é simples: arriscaremos um agenciamento desses elementos para pensar a “revolução” de nosso tempo como fundamentalmente estética. Um sensível que busca ultrapassar a si próprio, uma intervenção – ao mesmo tempo estética e política - no visível, no dizível e no que é pensável.

Palavras-chave: Estética; política; autoficção; modos de aprender; modos de existir.

FROM MANGUEBIT TO TOSCOLAB

MEDIATIC SELF-FICTIONS, OTHER MODES OF LEARNING

Abstract: What may be at stake in putting together Recife's art scene of the 90's and a very recent experience of digital musical instruments manufacture? What relationship can be sought between a minor literary genre – self-fiction - and the act of learning, highly valued in a society, strongly based in school systems, like ours? The answer is simple: we will venture an assemblage between these elements in order to think the "revolution" of our time as fundamentally aesthetic. A *sensorium* that exceeds itself, an intervention - both aesthetic and political - in the visible, the speakable and in what is thinkable.

Keywords: Aesthetic; politics; self-fiction; modes of learning; modes of existence.

Entscheidungsproblem:

"Se tu não podes abrir: não te pertence."

(Pan&Tone)

¹ O presente artigo integra a pesquisa “Periferias urbanas: entre a forma-Escola e experiências de autocriação”, coordenado pela autora e desenvolvido no mestrado em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas – FEBF/UERJ.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Uma patola na terra, uma antena no ar.

(Chico Science)

O que pode estar em jogo na tentativa de juntar a cena artística recifense dos anos 90 com uma experiência atualíssima de fabricação de instrumentos musicais digitais? Que relação pode ser buscada entre um gênero literário menor – a autoficção² – e o ato de aprender, tão valorizado em uma sociedade hiperescolarizada como a nossa? A resposta é simples: arriscaremos um agenciamento desses elementos para pensar a “revolução” de nosso tempo como fundamentalmente estética. Estética, por se tratar de uma inédita e crescente visibilidade de novos modos de sentir, pensar e expressar que não mais correspondem, ou tão facilmente se adéquam, a um lugar (*ethos*, posição social, classe), mas cujo único traço comum se encontra, justamente, na erupção de um modo outro de experimentar, que ignora uma posição social, que se desidentifica de um “lugar”, que se desconecta de um *habitus*, que desregula todo o arranjo (dispositivo) de hierarquias presentes em um sensível organizado pelo entendimento e mantido pelo *estado de coisas*³. Um sensível que busca ultrapassar a si próprio, uma intervenção – ao mesmo tempo estética e política – no visível, no dizível e no que é pensável.

Tal deslocamento estético – que desorganiza um conjunto ordenado de relações entre o visível e o dizível, entre o saber e a ação, a atividade e a passividade.– é o que nos permite pensar, aqui, processos de subjetivação – modos de aprender e de existir – dentro do que denominamos de *autoficções*.

Nas condições ordinárias de nossa experiência, toda a imagem do mundo é forjada à semelhança de um modelo, à síntese de um princípio, ao constrangimento de uma forma, ordenada ora por um demiurgo, ora por um Deus, mais tarde pelo *cogito*. Formas e limites que nos são impostos e que passam totalmente despercebidos em nossa vida cotidiana. Nas palavras de

² Termo criado por Serge Doubrovsky em seu livro *Fils* para caracterizar a interseção entre a autobiografia e o romance.

³ Cf. J. Rancière. *A partilha do sensível*.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Deleuze, retomando Nietzsche, “as ficções pelas quais as forças reativas triunfam”⁴. Se somos “formados” por *ficções* que pretendem condicionar de antemão nossa biografia como a fatalidade de um destino inexoravelmente determinado, uma outra ficção seria, portanto, possível: a da própria liberdade de se ficcionar.

O conhecimento, por certo, sempre precisou de histórias e imagens para fundar suas hierarquias, ao mesmo tempo em que precisou, também, conjurar os discursos que circulam ao acaso e sem mestres⁵. Já na Grécia arcaica, pela exaltação de Homero responde o prestígio social da nobreza. Platão sabia bem disso e abusava dos mitos, bem como temia a palavra escrita, aquela que circula livremente e que pode cair nas mãos de *qualquer um*. Elegia e recontava histórias que prescrevem o modo como aqueles que pertencem a uma posição social devem viver. Em seguida, a noção amplamente empregada de «formação», originária do termo alemão *Bildung*, é ela própria inicialmente tributária da mística religiosa que caracterizou essa cultura na Idade Média, e que valorizava a ação divina capaz de transformar pelo interior o indivíduo. A partir do Humanismo, a noção de formação assume também um significado intimamente associado ao conceito de cultura, designando a maneira especificamente humana – dever-se-ia dizer? cultural – de aperfeiçoar aptidões e faculdades. Mas por isso mesmo sofre das inflexões a que se submete o conceito, quando se trata de firmá-lo, e ao nacionalismo que daí deriva.

É, pois, no contrafluxo das lógicas, discursos e práticas mais comuns que insistimos em trazer para o debate experiências outras. Experiências de produção de si que observamos em diversas ações individuais e coletivas que sempre estiveram presentes nas periferias e que afirmam a coincidência original entre criação artística e autocriação: autodidatismos e expressões a partir variados meios (cinema, literatura, teatro, música, web, artes visuais, novos modos de circular e se relacionar com a cidade etc), “tosqueiras”, “gambiaras” e “faça você mesmo” de todos os tipos. Verificações incansáveis entre “uma vida e o que ela pode”, exercícios de si sobre si mesmo que

⁴ G. Deleuze. Nova Imagem do pensamento. In: *Nietzsche e a filosofia*.

⁵ Cf. M. Foucault. *A ordem do Discurso*. e J. Rancière. *Le philosophe et ses pauvres*



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

abrem linhas de fuga e desvios, permitindo que, em alguma medida, se dê as costas para o previsto, para o que é esperado de uma vida em uma sociedade marcada pela desigualdade.

Manguebit - uma antena parabólica enfiada na lama.

Mas que som é esse que vem de Pernambuco?⁶

Em 1967 o médico sanitaria Josué de Castro publica seu primeiro romance: *Homens e Caranguejos*. Autor de outros tantos livros científicos que, na interseção entre a medicina e a sociologia, interrogam as agruras da miséria e da fome no nordeste brasileiro, foi no entanto pela via - ou melhor dizendo, pelo desvio - romanesco que Josué logrou compor uma imagem da pobreza nordestina cuja releitura, quase três décadas depois, sacudiria o Recife.

Na lama suja dos mangues, Josué se dá conta de que este ecossistema – um dos mais produtivos e férteis do mundo – *gera vida* num “estranho mimetismo”:

Os homens se assemelhando, em tudo, aos caranguejos, arrastando-se, agachando-se como os caranguejos para poderem sobreviver. Parados como os caranguejos na beira d’água ou caminhando para trás como caminham os caranguejos.⁷

A sensibilidade compartilhada da cidade, aquilo que inicialmente forja um povo, mesclava no Recife (desde os anos 60) uma “cínica noção de progresso” e o mito da metrópole, aliados com o maior índice de desemprego do país, com mais da metade de sua população vivendo em favelas e alagados, além do título de quarta pior cidade do mundo para se viver. Nesse quadro de “depressão crônica” e apatia generalizada, restava à juventude recifense apenas duas saídas: estudar em outra cidade ou país, ou ... ganhar as ruas⁸.

⁶ C. Science. *Lixo do Mangue*.

⁷ J. de Castro. *Homens e Caranguejos*. p.13

⁸ Cf. F. Zeroquatro. *Manifesto Maguebeat – Caranguejos com Cérebro* e *Manifesto Manguebeat - Quanto vale uma Vida*. <http://watchtower.atspace.com/mangue5.htm> - acessado em 12/6/2011.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Quis o acaso que, em 1991, o romance de Josué fosse parar nas mãos de Francisco de Assis França, ou melhor dizendo, Chico Science. No encontro com o livro de Josué, Chico aprende muito mais do que o que lá estava escrito.

Chico aprende os signos do Manguê, não no sentido de adquirir um “saber”, mas de *decifrar* – compor com eles, fazer algo com eles⁹. É o que lhe permite ultrapassar a visão de Josué e ver na lama suja do manguê novas possibilidades - *de vida* - para além do mimetismo narrado no livro. Foi bem ao estilo deleuziano – para quem *fazer fugir* não é fugir e é, ainda, muito mais do que criticar - que Chico recria o Recife em Manguetown – potência dos homens-caranguejos transformados em caranguejos-com-cérebro.

Partindo da percepção inicial de que “já que ninguém vai fazer por você, faça você mesmo”, herdada do movimento Punk, mas que é também a gênese de toda a necessidade/criatividade vital periférica (das ocupações, dos “puxadinhos”, das gambiarras, do lazer na laje, do Samba, do Funk, do Hip Hop etc) na recusa às “carências” impostas, Chico traça sua linha de fuga, que batiza de “maguebeat” (fusão do manguê com ritmo, batida e espírito beatnik) ou “Manguebit” (tecnologia, informação, experimentações midiáticas). Ritmo, liberdade, tecnologia e remix foram, para este movimento, inseparáveis.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo era engendrar um *circuito energético*, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama¹⁰

Tal linha de fuga cria, inicialmente, uma relação metáfora/metáfora, entre as ficções socialmente instituídas - que fundam o triste círculo da reprodução mimética dos homens-caranguejos ou pior, dos homens-gabirus¹¹ como fatalidade – e seu deslocamento poético

⁹ Cf. G. Deleuze. *Proust & Signs*

¹⁰ F. Zeroquatro. *Manifesto Maguebeat – Caranguejos com Cérebro*. - <http://watchtower.atspace.com/mangue5.htm> - acessado em 12/6/2011.

¹¹ Em 1991, o pernambucano Amaro João da Silva, 54 anos, 1,35 metro de altura, virou manchete de jornal com o apelido de “homem gabiru”, como ilustração da miséria nordestina.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

deslobotomizante, o dos caranguejos-com-cérebro. Em seguida, porém, a metáfora encarna em uma real metamorfose: os homens-caranguejos são agora “mangueboys” e “manguegirls”.

Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em: quadrinhos, tv interativa, anti-psiquiatra, Bezerra da Silva, Hip Hop, midiotia, artismo, música de rua, John Coltrane, acaso, sexo não-virtual, conflitos étnicos e todos os avanços da química aplicada no terreno da alteração e expansão da consciência.¹²

No rastro do Manguebit, outras expressões artísticas aderiram ao movimento. O cinema nordestino, por exemplo, ressuscita, após 18 anos de coma profundo, com o nome de Árido Movies e lança diversos filmes dentro do que se convencionou chamar de *Estética Manguê*. “Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.”¹³

A metáfora/metamorfose Manguebit expressa uma potência, que como tal, significa a recusa por toda e qualquer inclusão. Trata-se aqui, e é o que nos interessa, de um *incluir-se fora*. Fora do quê? Fora das forças que nos obstruem o devir: reativas e reacionárias, nas palavras de Deleuze. Fora do que Rancière¹⁴ chama de uma *estética primeira*, a partir da qual as modalidades de sentido comum são delimitadas. O comum compartilhado é sentido instituído, senso comum que define o que é visível e invisível, audível e inaudível, inteligível e ininteligível. É o que organiza e fornece as condições de nossa experiência em um mundo ao mesmo tempo compartilhado e repartido (posições sociais, aptidões, ocupações), tal como expresso na máxima aristotélica que afirma que, apesar de o escravo, tal qual o amo, entender a linguagem, diferentemente deste, ele *não a possui*.

¹² F. Zeroquatro. *Manifesto Maguebeat – Caranguejos com Cérebro*. <http://watchtower.atspace.com/mangue5.htm> - acessado em 12/6/2011.

¹³ *idem*

¹⁴ J. Rancière. *A partilha do Sensível*.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Fugir desse senso comum, escapar das condições ordinárias de nossa experiência, requer um rompimento com esta estética primeira (sistema estrutural que organiza a experiência humana) em direção à uma *estética outra*¹⁵. Em termos kantianos, a estética primeira seriam as condições de possibilidade do mundo tal como o conhecemos, o sentido conceitualmente possível a partir de um enquadramento prévio e universal de toda experiência.

Para Deleuze, romper com essa configuração, na qual o (re)conhecimento precede toda experiência - ao submeter a matéria rebelde a estados determinados¹⁶ - exige um outro tipo de movimento no qual, ao contrário, o pensamento viria somente depois: movimento entre a *diferença* e... a *diferença*. A diferença do *condicionado* (os fenômenos, sempre diferenciais e múltiplos) e a diferença da própria *condição como multiplicidade* (tornada diferencial, e não constante como em Kant). Força diferencial - *singular* -, terreno de devenires que inaugura magueiros e magueiras tão radicalmente diferentes dos homens-caranguejos, quanto a barata o é do Gregor Samsa em Kafka.

Para Rancière, a inauguração de uma estética distinta daquela que condiciona nossa experiência cotidiana é tarefa do *dissenso*. É uma quebra de sintonia, uma desidentificação entre o que os braços fazem (*poiésis*) e um horizonte de afetos (*aisthesis*). É ignorar a regulação platônica (e posteriormente sociológica) que recusa todo duplo, a que afirma que homens-caranguejos devem, para sempre, pensar, agir e sentir como homens-caranguejos e nada mais.

Esta experiência de desidentificação é propriamente estética. A experiência estética (em oposição à representação) é a que se esquia, a que evade à distribuição sensível de papéis e competências que estruturam a ordem hierárquica. Um processo anárquico de emancipação por desidentificação, desarmonia, que desloca a distribuição comum dos lugares.

Circular no espaço urbano, intervir na cidade, tomar posse da palavra, assumir o posto narrativo e o direito à perspectiva, produzir uma *língua da minoria* dentro da própria língua¹⁷, tornar o mundo e a palavra disponíveis para usá-los fora de uma condição ou lugar: eis aí, ao nosso ver, os

¹⁶ Cf. G. Deleuze. *Diferença e Repetição*. Platão. *Timeu*. Peter Pal Pelbart. *O Tempo não-reconciliado*.

¹⁷ Sobre a "literatura menor" cf. G. Deleuze e F. Guattari. *Kafka...* e G. Deleuze. A literatura e a vida, in: *Crítica e Clínica*.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

mais importantes e interessantes elementos presentes no Manguêbit, bem como em outras expressões das periferias urbanas, que pudemos analisar em trabalhos anteriores. Potencializando todos esses elementos está, da mesma forma sempre presente, o uso das tecnologias midiáticas.

A ciência conseguiu juntar o manguê com o mundo e saiu um Malungo boy antenado, camarada. Malungo sangue bom¹⁸

Em meados dos anos 90, o movimento Manguêbit já possuía um website desenvolvido por eles mesmos. Em 1996 criam sua webradio, a Manguetronic. Na TV, experimentam desde 1994 um programa temático que, em datas históricas, conta o “outro lado das histórias oficiais”. Junto com o uso das tecnologias, a própria *cultura digital* já era muito forte dentro do Manguêbit, sendo parte inseparável de seu estilo. A idéia de coletivo, o espaço sempre reservado para bandas e artistas desconhecidos, o caráter libertário e independente das produções, o *remix* como autocriação e não como aculturação, a liberdade de mixar, romper estruturas e se conectar com o mundo. “Mixei uma batida de hip-hop com o *groove* do maracatu e ficou bem legal. Vou chamar isso de manguê”, dizia Chico, sem que isso significasse qualquer limite ao que pudesse ser “Manguê”, uma vez que não cessou de experimentar novos ritmos e estilos.

Dos anos 90 aos nossos dias, as expressões disso que podemos chamar de uma *cultura livre* seguem alargando suas possibilidades e culminam, hoje, na introdução de uma interessante perspectiva – a de que **“o que eu não posso abrir não me pertence”** – que inaugura, e eis o que buscaremos argumentar em seguida, um novo campo de experiência, bem mais do que um novo “saber”.

O Toscolab – “estratégias para uma hackpraxispoiesis¹⁹”

Verdadeiro enigma da luthieria cibernética. Objeto Duchampiano de interdisciplinaridade radical. Um violão sem cabeça, com uma trave no braço, e uma única corda de contra-baixo,

¹⁸ Idem. *Malungo*

¹⁹ <http://toscolao.devolts.org/> - acessado em 12/6/2011.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

os trastes substituídos por resistores ligados a um micro-processador com alto-falantes embutidos na caixa de ressonância. O objeto é alimentado por limões, ligados em série, com pregos e moedas substituindo a geração de energia (diferença de potencial) do cobre e zinco da pilha²⁰.

Nas primeiras décadas do século passado, o dramaturgo alemão Bertold Brecht, sonhou com a criação de uma rede horizontal universal, pública e descentralizada, a partir da existência de aparelhos de radiotransmissão em cada residência.

Nos últimos anos deste mesmo século, o pensador francês Pierre Lévy enxerga, em meio ao aparente *caos do saber desterritorializado e destotalizado*, mas conectado em tempo real da Internet, o surgimento de uma nova cultura que poderá ser a base para a criação de um novo coletivo humano.

Em 1920, a Westinghouse tem a idéia de fabricar e vender aparelhos somente receptores, que captariam programas produzidos por ela ou por terceiros. Para financiar os programas, o tempo de transmissão seria vendido a patrocinadores na forma de comerciais. O sonho de Brecht foi abortado. Revendo a história das tecnologias, vemos que o mesmo aconteceu com o telégrafo, a imprensa e também com a televisão²¹. A (pré)visão de Lévy, porém, é o que ainda buscamos.

Por muito tempo, a luta por democratizar as tecnologias se resumiu à reivindicação do acesso como usuário. Tem início aí toda uma mobilização em torno da implementação de telecentros nas comunidades de países menos desenvolvidos, ao mesmo tempo em que nascem os debates em torno das licenças livres de softwares e conteúdos e a demanda por livre *download*. Em seguida, a idéia de acesso é ampliada e passa a incorporar a possibilidade de que qualquer um possa ser, também, produtor. Que todos possam ter acesso à palavra e à imagem na condição, não somente

²⁰ <http://www.gilsoncamargo.com.br/blog/?p=516> - acessado em 12/6/2011.

²¹ Cf. M. Dantas. *A Lógica do Capital Informação*.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

de leitor, mas sobretudo, de autor. Disseminam-se os *blogs*, páginas, redes sociais, plataformas de *upload* de textos, músicas e vídeos de produção própria.

No que diz respeito à tecnologia, ou seja, à democratização da própria ciência, esta permaneceu muito tempo restrita aos cursos técnicos e a poucos *nerds* autoditadas – tidos como “gênios” - que por conta própria aprendiam revirando os – para nós – secretos e indecifráveis códigos fonte. Ao mesmo tempo, nas comunidades, favelas e periferias surge um ou outro morador que aprende a montar uma rede. Logo, fundam provedores locais que distribuem o acesso (grátis ou por um preço módico) em espaços que, naquela época, ainda não interessavam às grandes empresas do setor. Estes moradores, rapidamente batizados de “empreendedores”, ganham amplo destaque nas mídias – como o Dando da favela de Antares e alguns outros - por serem um exemplo vivo da ficção favorita de governos, organismos transnacionais e ONGs: a do pobre esforçado, que vence a “preguiça”, que “corre atrás”, que monta um “pequeno negócio” ou “projeto” em sua comunidade e que ganha dinheiro com isso. Atualmente, com os projetos de universalização do acesso à internet, promovidos pelo governo, que *iluminam*²² partes da cidade, especialmente favelas e periferias²³, bem como com a “descoberta” de que muitos moradores desses espaços formam o que se convencionou chamar de “classe c²⁴” (composta por ávidos consumidores e que, por essa razão, ganha visibilidade junto às empresas), o espaço de atuação desses “empreendedores locais”, e o interesse da mídia por eles, foi consideravelmente esvaziado.

A experiência do Toscolab é, acreditamos, a grande virada atual em tudo isso e consiste em “correr à frente” em vez de “correr atrás”. Sua visão é a de que também a tecnologia física – o *hardware* - deva ser, literalmente, *aberta* não só para, mas sobretudo *por qualquer um*. *Hardware* livre! Como sinônimo de livre criação artística. Fazer com que os segredos da tecnologia possam se transformar em uma língua corriqueira e comum, e que seus componentes físicos sejam baratos e acessíveis, para que qualquer um possa expandir as possibilidades de seus instrumentos - e, logo, as

²² Cobrir, através das antenas, um ponto que antes não tinha conexão a Internet. Viabilizar a conexão wi-fi.

²³ Rio Digital, Baixada Digital, Piraí Digital etc.

²⁴ grupo com renda domiciliar mensal entre R\$ 1.126 e R\$ 4.854



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

de sua arte também -, na direção que quiser. Para esse grupo, aprender a criar qualquer aparato tecnológico deveria ser tão fácil quanto aprender a jogar bola no campinho mais próximo.

Falando em bola, a idéia de tosco nos é muito familiar. Todo brasileiro pobre já fabricou sua própria bola de meia. Mas o “tosco” dentro da experiência que estamos expondo aqui não remete a uma “falta”, à impossibilidade de se ter um objeto e que leva ao improviso, mas sim a um “estilo de vida”, um outro modo de pensar, que reivindica menos o objeto do que a nossa libertação dos limites a eles impostos pela indústria: o formato “caixa preta” e a arrogância em achar que é possível prever e prover, em larga escala, tudo o que o usuário deseja e precisa, padronizando em grande medida nossas ações e tolhendo nossas possibilidades de criar. Segundo afirmam os participantes do Toscolab, em textos divulgados na web, “toda linha de produção seria também uma repressão”. O que não significa aderir, de forma alguma, ao discurso que romantiza a precariedade, no sentido de valorizar e perpetuar que “só restaria para nós reaproveitar o lixo tecnológico dos países avançados”. De forma alguma! A questão, para eles, é pensar a produção de um outro tipo de objeto: “artesanal, efêmero, instável, porém mais tátil”. Construção artesanal de tecnologias físicas, é disso que se trata.

Tudo começou com Glerm Soares, durante o processo de *upgrade* de seu primeiro projeto de guitarra digital o “Toscolão”, no qual ele:

(...) se debatia para encontrar um caminho reprodutível no esquema faça-você-mesmo que fosse simples, mas musicalmente completo. (...) Um projeto barato, mas que não deixasse de contemplar um mínimo de epifânia sobre abrir a caixa preta e mesmo algo de subverter processos industriais e pensá-los artesanalmente²⁵.

Um processo que, segundo ele, poderia tornar-se um “jogo bastante intuitivo, que passa pelo hardware-hacking e logo entra nos algoritmos musicais”.

²⁵ <http://toscolao.devolts.org/?toscolino> - acessado em 12/6/2011.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

O grande objetivo, ainda segundo o texto de Glerm Soares, se resumia no seguinte: tornar ações tais como botar um site no ar, saber inventar um novo tipo de “cacareco, que consiga computar informações e cuspir sensorialidade”, tão natural como a prática de alguns amigos sentarem juntos para tocar violão. Buscando “desespecializar” um campo fortemente especializado e restrito, é inevitável que o Toscolab encontre algumas resistências iniciais pelo caminho:

(...) é engraçado pois estamos tentando colocar essa nossa prática como algo bem espontâneo, mas ainda nos deparamos com a idéia de isso ter que ser sempre apresentado como uma coisa super especializada e o que buscamos é aquela outra situação que é a mesma de quando 4 pegam os violões – um ou outro chegou a estudar teoria ou conservatório, mas todo mundo pensa: no final é música; e ninguém fica envergonhado de dedilhar junto, cantar, que seja²⁶.

Se, no exemplo dos “4 amigos”, a fronteira entre a música como capacidade certificada em alguns (pelo “reto” e seguro caminho da formação), e como pura sensibilidade em outros (pelos desvios errantes da autoformação), é dissolvida, o mesmo não acontece assim tão facilmente no que diz respeito à ciência. Ao defender uma condição de desespecialização, - como uma abertura para que o novo possa surgir dentro dos campos disciplinares fechados -, o Toscolab rompe, tanto com as classificações ordenadoras, das disciplinas, quanto com o lugar esperado de uma pessoa comum em relação à ciência ou tecnologia. Ao fazê-lo, retira-nos, em grande medida, da condição exclusiva de vítimas de suas políticas. Tornar a tecnologia um assunto de qualquer um, transformar as “caixas pretas” em *hieróglifos que aprendemos a decifrar*, tal como deciframos tudo o que aprendemos na vida, é um ato, sobretudo, político.

A diferença entre acidente programado, interação errante, e programação. A computação e a eletrônica por “tentativa e erro” são certamente a mais utilizada e inevitável das descobertas e lida diretamente com intuição e curiosidade. Temos exemplos do chamado “circuit bending” (curto-circuito intencionalmente musical) e brincadeiras com a aleatoriedade de acesso via

²⁶ <http://rede.metareciclagem.org/wiki/1-hora-com-glerm-soares-entrevista-mutir%C3%A3o-da-gambiarra-por-ricardo-ruiz> - acessado em 12/6/2011.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

software de dispositivos de vídeo, áudio e toda sorte de entrada e saída do computador sendo usados como o improviso musical ou a velha metáfora da pintura abstrata performática abrindo liberdades para a desmistificação deste meio para o além do “meio-como-mensagem”, mas como exercício primeiro de contato corporal com os códigos e desconstrução da indústria²⁷.

Desespecializar a tecnologia torna visível uma tensão entre o corpo social estruturado na separação de lugares e limites - entre ciência, tecnologia e consumidores -, que abala a ordem em nome do que Rancière²⁸ denomina de *princípio vazio de igualdade*. Vazio, por se tratar de uma igualdade sem conteúdo anterior. A igualdade como potência que depende do acontecimento e que, portanto, nunca atinge um estágio final e estável. Ato dissensual, posto que perturba os enquadramentos do nosso mundo sensório, que desorganiza o que no interior de nossa cultura é possível ver e pensar, que faz uma outra cultura emergir com novas combinações.

A (re)apropriação é a postura do cara que remixa objetos tecnológicos assim como o DJ remixa os discos. Cada objeto possui um saber intrínseco e conhecer o modo como eles funcionam, me permite modificá-los para o meu uso e aprender com esse processo como a tecnologia funciona e pode vir a funcionar.²⁹

O modo de aprender dentro do Toscolab, faz explodir toda a *forma escolar*, ao subverter seus fundamentos chave: 1-) não há nenhum mestre, dono da discrepância entre a ignorância dos “alunos” e o conhecimento; 2-) não há “alunos”; 3-) não há o que se convencionou chamar de “conhecimento” 4-) não há, também nenhum tipo de autonomização e sistematização do ato de aprender – sua separação da vida, por assim dizer – por mecanismos de divisão em lotes e etapas

²⁷ http://www.123people.com.br/ext/fm?ti=personensuche%20telefonbuch&search_term=glerm%20soares&search_count=BR&st=suche%20nach%20personen&target_url=http%3A%2F%2Fblog.redelabs.org%2Fblog%2Fhackpraxis-boom-2011-%25E2%2580%2593-parte-1§ion=blog&wrt_id=667- - acessado em 12/6/2011.

²⁸ J. Rancière. *Disensus*.

²⁹ Oficina Pan&Tone – Circuit Bending <http://www.jhabib.net/blog/?p=35> - acessado em 12/6/2011.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

(dos conteúdos e das pessoas), explicações progressivas, individuação, classificação etc. A forma escolar é anulada não por recusa, mas por um “estado de suspensão”, estado de indeterminação absoluta em relação àquilo que será ou não será feito. Indeterminação que - bem ao estilo do escriturário Bartleby, que com sua fórmula “preferiria não” (*I would prefer not*) -, *inclui-se fora* de qualquer posicionamento social existente (o do que aceita e se submete, ou o do que se nega e negligencia), tal como foi percebido por Deleuze³⁰.

Os encontros do Toscolab são abertos para quem quiser participar e não possuem nenhum formato pré-definido. A convocação inicial é para que todos “comentem e pensem em como interagir com esse trabalho que é totalmente aberto e público, acessível e seja lá o que podemos fazer significar a palavra “livre””³¹. Outros momentos, não previamente estipulados, servem para aprofundar as técnicas: Puredata, algoritmos musicais e audiovisuais, Linux, Arduino, Microcontroladores, Hardware hacking, software livre, Python, C Bash, Chipmusic, Circuit bending e derivações. A dinâmica é “bem solta”, afirmam, com momentos de concentração em projetos individuais e outros em que “as dúvidas e desejos encontram seu diálogo”. Em outros momentos, ainda, “exposições de conteúdos “didáticos” podem eventualmente acontecer, mas serão previamente pactuadas entre os frequentadores.” Num primeiro encontro, o desejo é sempre o de “ouvir sugestões e convergências de todo tipo, a intenção é provocar uma entropia nesse novo lab que surge e fazer isso interagir com toda a proposta de redelabs, bricolabs, esporos, ips, cotidianos sensitivos, labocas, ridocracias, circuitologias e coisas afins....”³²

O Toscolab incorpora como parte de sua própria natureza, fugir do lugar comum de todas as iniciativas que – por mais interessantes e espontâneas que sejam em sua concepção inicial –, cedo assumem o formato “escola” (escola de cinema, escola de circo, escola, escola, escola...). E que, transformando-se escola, assumem, inevitavelmente, seus desgastados e monocórdios modelos: o modelo “popular”, que pretende “partir do que o educando traz” e quase sempre dele pouco ou nada

³⁰ G. Deleuze. Bartleby, ou a fórmula. In: *Crítica e Clínica*.

³¹ http://groups.google.com/group/ponteando/browse_thread/thread/ac8d62de6355b430?pli=1 - acessado em 12/6/2011.

³² <http://nacaraecoragem.blogspot.com/2011/03/toscolab-marco-abril-interacoes.html> - acessado em 12/6/2011.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

faz fugir; o modelo “cidadania”, compreendida como o conhecimento todo formal de direitos e deveres; o modelo “empreendedorismo” – forma sutil de transferir para a suposta “falta de iniciativa” dos pobres a responsabilidade por sua situação, reforçando a enorme confusão instaurada entre privação de oportunidades e “cultura local”; isso além dos modelos que servem de base para todos os demais, e que já mencionamos anteriormente: a posição de maestria e a mais absoluta separação entre aprender e viver.

A forma escolar, como apontam Lahire, Vincent e Thin³³, é o tipo de relação social recorrente e invariante desde o século XVI até os nossos dias. O tipo escolar de relação, faz tempo, ultrapassou a instituição “escola” e se disseminou para a família, para as atividades extra-escolares, o trabalho, os grupos de intervenção social, a publicidade, a mídia e, sobretudo, para nossa relação com a política. É, portanto, na contramão de todo esse “sucesso” e monopólio do modo de socialização escolar que o Toscolab se posiciona. Contra um padrão dominante de socialização que transbordou os muros da escola e transforma todas as nossas relações em “escolares” (“pedagogizadas”, “didatizadas”, “metodologizadas”, fragmentadas e hierarquizadas), o Toscolab se coloca como um outro movimento que busca:

computabilidade da vertigem” derivando da construção de instrumentos musicais e novas mídias: as questões técnicas são apenas parte de toda a busca e estão postas sempre sob suspeita, pois o que buscamos é o descondicionamento (...) do problema industrial e tecnocrata. Portanto o mais importante é a nossa convergência conceitual, filosófica, ética, política e enfim estética (o encontro de uma busca comum na construção de novas linguagens para a expressão catártica destes anseios)³⁴.

Até aqui...

A discussão que tentamos explorar, no breve espaço deste texto, expressa, tão somente, o modo como as duas experiências descritas atravessaram a autora deste artigo, bem como o que, com

³³ G. Vincent, B. Lahire, D. Thin. Sobre a história e a teoria da forma escolar. In: *Educação em Revista*. N. 33, Jun/2001.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

elas, foi possível aprender. Se o Manguébit e o Toscolab nos interessam, e se buscamos fazê-los ressoar com a idéia de *autoficção* – essa interseção *entre* a autobiografia e o romance, que afirma a vida como criação –, foi devido ao campo problemático que deles vemos emergir: aquele que se dá quando, na experiência ordinária, irrompe, justamente, essa potência de um *entre*. Um *entre* que, como percebeu Deleuze, é sempre gênese: *uma vida*, cujo efeito jamais poderemos prever.

Referências Bibliográficas

- DANTAS, M. *A lógica do capital-informação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Graal, 2006.
- , *A lógica do sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- , *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- , *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.
- , *Proust & signs*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.
- , *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- e GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- RANCIÈRE, J. *O Inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- , *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- , *Dissensus: on politics and aesthetics*. London: Continuum, 2010.
- , *The philosopher and his poor*. London: Duke University Press, 2003.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

VINCENT, G; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. In: *Educação em Revista*. N. 33, Campinas, Jun/2001.

Recebido em 23/06/2011

Aceito em 07/07/2011



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br